

## PROCESSOS DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA NO MUSEU DO DOCE DA UFPEL

LUCAS SOUZA BECKER<sup>1</sup>; LUIZA DA SILVA COUTO<sup>2</sup>; ANNELISE COSTA MONTONE<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – lsouzabecker@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – couto.iza@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – annelisemontone@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) está localizado no centro histórico da cidade de Pelotas, sediado no casarão nº 8 da Praça Coronel Pedro Osório. O edifício, construído por volta de 1880 para ser residência do futuro Conselheiro do Império, Francisco Antunes Maciel, é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1977, juntamente com os casarões 2 e 6 da mesma quadra, sendo um dos representantes do ecletismo arquitetônico da cidade.

A utilização de prédios históricos para abrigar acervos culturais é bastante comum e é apontada, pela Carta de Veneza (1964), como um dos meios de preservação do patrimônio. Esse uso implica, além da proteção do edifício, em uma economia de recursos, porém, envolve problemáticas quanto às estratégias de conservação preventiva, que podem exigir investimentos iniciais na reforma do local, para adequá-lo às exigências de um museu (GONÇALVES; SOUZA; FRONER, 2008). Porém, isto nem sempre é possível, tendo em vista que, se tratando de casarões tombados, a adaptação da estrutura é algo complicado de ser feito, devido ao risco de descaracterização. Assim, é necessário buscar alternativas com os recursos disponíveis para contornar os problemas.

De acordo com o ICOM-CC (2010, p. 3), a conservação preventiva é definida como “todas aquelas medidas e ações que tenham como objetivo evitar ou minimizar futuras deteriorações ou perdas” e são aplicadas nos ambientes em que se encontram os bens culturais, não afetando sua integridade física. Isto inclui “[...] procedimentos de documentação, acondicionamento, manuseio, embalagem e transporte, gestão ambiental, segurança, resposta a emergências, formação e treinamento e ainda de sensibilização do usuário” (BECK, 2014, p. 9).

Desta forma, o projeto de extensão Práticas em Conservação Preventiva Aplicadas a Bens Culturais, coordenado pela professora Dra. Annelise Costa Montone, promove a aplicação de práticas voltadas à conservação preventiva dos acervos do Museu do Doce, com atuação dos discentes do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPeL. Dentre as atividades desenvolvidas, está o processo de higienização dos objetos e de monitoramento de luz, temperatura e umidade relativa das salas expositivas e de guarda do museu.

A higienização mecânica dos acervos é uma parte rotineira e essencial de ambientes museais. Ela consiste na eliminação de poeira e partículas sólidas, que ficam aderidas na superfície dos objetos, e que tem potencial de causar danos futuros às obras (TEXEIRA; GHIZONI, 2012). Estas partículas sólidas podem conter “[...] resíduos ácidos e graxos, materiais abrasivos como terra, areia e sal, fuligem e ainda esporos de micro-organismos, resquícios de insetos e produtos

tóxicos usados no combate de pragas [...]” (BECK, 2014, p.11). Além disso, o acúmulo de poeira possui potencial abrasivo, podendo causar danos nas superfícies dos objetos e ainda reter umidade, facilitando o surgimento de microrganismos e proliferação de insetos (DRUMOND, 2006). O depósito destes particulados é de difícil controle quando os objetos não estão protegidos por vitrines, de modo que há a necessidade da higienização periódica dos acervos.

O monitoramento da umidade relativa e da temperatura é necessário para analisar o clima no interior do prédio, pois são fatores diretamente relacionados e que agem em conjunto. As variações de temperatura e de umidade podem causar diversos efeitos nos objetos, como a dilatação e a contração dos materiais, a desidratação, os processos de corrosão e, ainda, fornecem ambientes propícios para o desenvolvimento de fungos e bactérias (FRONER, 2008).

A luz, embora seja um elemento indispensável para a visualização dos acervos, é também um agente de deterioração em potencial, devido à sua capacidade de causar danos cumulativos, silenciosos e irreversíveis aos objetos, a depender da sua intensidade e do tipo de fonte que a emite. A luz pode ser compreendida como uma radiação, que se propaga por meio de ondas eletromagnéticas que são lidas em uma faixa do espectro eletromagnético. As radiações variam conforme o comprimento da onda, de modo a termos a luz visível, a radiação ultravioleta, a radiação infravermelha, os raio x, os raios gama, etc. (CASSARES; PETRELLA, 2003).

Sendo assim, o objetivo deste resumo é relatar os resultados obtidos por intermédio do processo de higienização mecânica e do monitoramento ambiental desenvolvido no Museu do Doce, até o momento, visando expor como as práticas de conservação preventiva auxiliam na preservação e, por consequência, na comunicação dos objetos integrantes da memória da tradição doceira de Pelotas e Antiga Pelotas, para que possam ser apreciados no presente, mas também pelas futuras gerações.

## 2. METODOLOGIA

Buscou-se, primeiramente, conhecer as diversas tipologias de materiais que integram os acervos do museu, bem como os diferentes espaços expositivos e de guarda, observando a proximidade dos objetos com janelas e portas, a circulação de pessoas e a iluminação ambiente. Após este momento, organizou-se uma rotina de higienização e monitoramento periódica, procurando executá-la uma vez por semana para evitar um grande acúmulo de sujidades, mas ainda oferecendo o indicativo de infestações, por exemplo, bem como proporcionando dados concretos do comportamento ambiental do museu.

Assim, foi estabelecida a rotina de manutenção nas segundas-feiras, à tarde, dia que os integrantes do projeto se reúnem e que o museu não está aberto ao público, não prejudicando a experiência dos visitantes.

Na sequência, reuniu-se o material disponível para o processo de higienização: trinchas macias para cada estudante, pano de tecido macio e branco, além de equipamentos de proteção individual (EPI's), como luvas e máscaras, para evitar que eventuais esporos de fungos ou outros particulados contaminem os discentes. Conheceu-se, também, os equipamentos do curso para as práticas de conservação preventiva, como o luxímetro digital portátil, que mede

a intensidade de luz no ambiente, através da unidade de medida lux<sup>1</sup>, e o *datalogger*, usado para a verificação da temperatura e umidade relativa.

Em um primeiro momento, o curso disponibilizou apenas um *datalogger*, que ficou fixado em uma estante na reserva técnica, desde julho de 2023. Em junho de 2024, foi liberado um segundo aparelho, desta vez para a sala 4, junto à nova exposição de cadernos de receitas, intitulada “Cadernos de Receitas: Narrativas da Tradição Doceira”. A preocupação com o acervo exposto se deve à sua fragilidade, visto que é composta por sete cadernos de receitas dos séculos XIX, XX e XXI, que possuem suas páginas já envelhecidas e mais sensíveis à exposição, de modo que foi necessário intensificar o monitoramento.

### 3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A higienização é feita em grande parte nas áreas expositivas do museu, tendo em vista que os objetos muitas vezes não possuem barreiras contra materiais particulados e poluentes, como nos ambientes de guarda. Desta forma, o acervo é limpo com trinhas de cerdas macias, momento em que se aproveita para conferir o estado de conservação dos bens culturais, à procura de possíveis danos. Durante este processo, foram encontrados dois livros infestados por cupins. Ambos estavam expostos em vitrines com estrutura de madeira, mas apenas em uma havia indícios da presença do inseto, de modo que um dos livros foi mais atingido que o outro.

Em relação às medições de temperatura e umidade, ambas estavam concentradas na reserva técnica que, além de espaço de guarda, também é utilizada para estudo e reunião de projetos de pesquisa, ensino e extensão, de forma que verificou-se que os níveis encontrados, durante este período de estudo, estavam bastante elevados, podendo colocar em risco o acervo mesmo que ele esteja protegido e acondicionado. Desta forma, estão sendo discutidas soluções e estratégias para que a reserva técnica passe a ser apenas um local de guarda e os projetos aconteçam em outro ambiente.

Por fim, os dados obtidos através das medições de luz dos ambientes foram dispostos em tabelas contendo informações sobre a hora das medições, tipo de iluminação, o objeto alvo da medição e quantos lux estavam incidindo no momento, possibilitando uma melhor visualização das informações coletadas e dos resultados de mudanças realizadas. Com estas medições, espera-se obter dados concretos sobre a sazonalidade dos ambientes, observando períodos de maior incidência de luz, salas em que a luz solar incide sobre os objetos e horários que isto acontece, para assim ser possível implementar uma rotina com horários certos para abertura e fechamento de janelas, protegendo o acervo da luminosidade intensa. Além disso, esta prática ainda favorece a ventilação natural, ajudando no controle de umidade e temperatura interna.

Dentre os resultados já obtidos com este monitoramento, pode-se citar as modificações da exposição da sala 4, mencionada anteriormente, como alvo de preocupação. A partir do cálculo das médias de lux que incidem em cada objeto, foi possível observar que, durante os meses de junho e julho, a luminosidade da sala era bastante intensa, chegando numa média de 42991,43 lux.hora/mês, em junho, e 47094,86 lux.hora/mês, em julho. Após a decisão de manter as janelas fechadas, inclusive por conta da luz solar, as médias caíram drasticamente, ficando com 5660 lux.hora/mês, em agosto.

---

<sup>1</sup> Quantidade de lumens incidentes em 1m<sup>2</sup> (CASSARES; PETRELLA, 2001)

## 4. CONSIDERAÇÕES

A partir da atuação no Museu do Doce, é possível perceber a importância das ações de conservação preventiva, tanto nos ambientes expositivos quanto na reserva técnica, para a salvaguarda dos bens culturais do acervo. Através da manutenção rotineira e constante higienização do acervo, nota-se o acúmulo de sujidades proporcionadas pelas intempéries inerentes da vida cotidiana do museu, mas também daquelas acumuladas por meio de agentes biológicos. E, com o monitoramento ambiental, se obtém conhecimento sobre o comportamento do edifício, para que sejam tomadas medidas de guarda e controle eficientes. Tais ações incluem a ventilação natural, por meio da abertura e fechamento das janelas, juntamente com a avaliação dos dados do monitoramento da iluminação. Desta forma, é possível definir horários para a abertura das janelas, evitando que a luz natural ofereça risco ao acervo. Além disso, os dados coletados sobre a iluminação mostram as diferenças sazonais ao longo do ano, permitindo um maior controle e rotinas efetivas de preservação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECK, I. **Manual de higienização e controle de pragas em acervos arquivísticos e bibliográficos**. Brasília: IBRAM, 2014.

CASSARES, N. C.; PETRELLA, Y. L. M. M. Influência da radiação de luz sobre acervos museológicos . **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 177–192, 2001. DOI: 10.1590/S0101-47142001000100006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5373..> Acesso em: 25 mar. 2024

DRUMOND, M. C. P. Prevenção e conservação em museus. In: **Caderno de Diretrizes Museológicas**. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

FRONER, Y. Reserva Técnica. **Tópicos em Conservação Preventiva 8**. Belo Horizonte, MG: LACICOR/EBA - UFMG, 2008.

ICOM-CC. Terminologia para definir a conservação do patrimônio cultural tangível. **Boletim Eletrônico da ABRACOR**, Rio de Janeiro, n.1, p. 2, jun., 2010.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. Veneza: 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2024.

TEXEIRA, L. C.; GHIZONI, V. R. **Conservação preventiva de acervos**. Coleção Estudos Museológicos, vol. 1. Florianópolis: FCC Edições, 2012